
A ÉTICA NAS PESQUISAS COM IMAGENS: UMA CONVERSA COM GUSTAVO FISCHMAN

Sandra Kretli da Silva^()
Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni^(**)
Jaqueline Magalhães Brum^(***)*

Iniciamos a nossa conversa com o professor Gustavo Fischman, no VIII Seminário Internacional As redes educativas e as tecnologias: movimentos sociais e educação, homenageando o escritor Eduardo Galeano que nos impulsiona a colocar o pensamento em movimento e, nesse sentido, nos leva a pensar os movimentos de pesquisa no campo educacional. Escolhemos como disparador do nosso encontro a história de Diego:

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai, enfim, alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando, finalmente, conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: Pai me ensina a olhar! (GALEANO).

Capturamos o conceito de “encontro” criado por Spinoza (2008) e ampliado por Deleuze (2002). É no encontro que um corpo se define, aumentando a potência de ação, multiplicando os afetos e as afecções. As afecções são os estados dos corpos provenientes da ação de outros corpos sobre eles. Já os afetos são as variações contínuas desses estados, ou seja, os afetos podem provocar aumento ou redução da potência de ser e de agir.

Acreditamos que pensar com imagens é um encontro. Encontro com outros movimentos, com outras ideias, com outros conceitos, com a diferença. Mas o que significa pensar? O que nos

(*) Doutora em Educação; professora adjunta do Departamento de Teorias Educacionais e Práticas de Ensino e do Curso de Licenciatura do Campo do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Membro do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Currículos, Culturas e Cotidianos (Nupec3) e dos Grupos de Pesquisa "Currículos, cotidianos, culturas e redes de conhecimentos" e "Formação de professores e práticas pedagógicas".

(**) Doutora em Educação; professora adjunta do Departamento de Teorias Educacionais e Práticas de Ensino, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo. Membro do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Currículos, Culturas e Cotidianos (Nupec3) e dos Grupos de Pesquisa "Currículos, cotidianos, culturas e redes de conhecimentos" e "Formação de professores e práticas pedagógicas".

(***) Doutora em Educação; professora adjunta do Departamento de Teorias Educacionais e Práticas de Ensino, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo. Membro do núcleo de pesquisa e extensão em Currículos, Culturas e Cotidianos (Nupec3) e dos Grupos de Pesquisa "Currículos, cotidianos, culturas e redes de conhecimentos", "Formação de professores e práticas pedagógicas" e do "Grupo de Estudos em Educação Matemática do Espírito Santo (GEEM-ES)".

faz pensar? O pensamento faz-se espontaneamente ou precisamos de dispositivos externos para pensar? É possível pensar o impensável? Sabemos que o pensamento é muito mais do que uma imagem, portanto, pretendemos explorar em que medida uma imagem pode permitir pensar de outra forma, ser/estar de outra forma, agir de outra forma.

Entrevistadoras: O tema deste dossiê é “A ética nas pesquisas com imagens”. Gostaríamos de começar a nossa conversa problematizando essa questão.

Gustavo Fischman: Na minha experiência, pesquisadores/as que atuam no campo educativo têm desejos de melhorar, de fazer pesquisas que sejam mais "relevantes", pesquisas que tenham "maiores impactos" e que sejam mais "usáveis". Todo mundo está tentando fazer algo diferente, mas, quando chega o momento de incorporar as dimensões visuais dos fenômenos educacionais, aparece uma resistência, em parte uma desconfiança para incorporar imagens, o pictórico e o iconográfico. O que eu acho é que são resistências baseadas em decisões de ordem prática e não em questões epistemológicas ou éticas.

Entrevistadoras: Explique isso melhor...

Gustavo Fischman: Não tem como separar o visual dos fenômenos educacionais e a influência das “culturas visuais”, que é cada vez mais forte. Falo em “culturas visuais”, pois eu não acredito na singularidade cultural. Meu ponto de partida é que não tem como excluir a dimensão visual. Então, os problemas passam a ser de outra ordem. Existem imagens prototípicas ou fortes em relação com o meu estudo? Como se relacionam as culturas visuais com a questão que estou pesquisando? Quais são as ferramentas metodológicas e teóricas que preciso incorporar?

É evidente que incorporar a dimensão visual requer adequações do projeto de pesquisa, das práticas dos pesquisadores e pode ser uma tarefa complicada, mas as complicações são mais de ordem “prática” e não epistemológica. Certamente, a não incorporação da dimensão visual nos limita muito o trabalho, porque, fundamentalmente, simplifica a problemática educativa ao ignorar aspectos relevantes da realidade e, como consequência, põe limites à nossa imaginação pedagógica.

A pesquisa em educação deveria ser muito mais complexa do que a gente faz; deveria ser feita de outra maneira. Mas a gente não faz. Por quê? Em parte, porque não imaginamos que poderia ser feita de outra maneira. E também porque não temos muitos exemplos sobre como poderia ser feita, incorporando outras dimensões a partir de outras perguntas de pesquisa. Então, em frente às dificuldades de incorporar a “visualidade” na pesquisa educacional parece que, de uma maneira “inconsciente”, tomamos uma decisão prática. É muito difícil fazer “bem”, então vou ser

“realista” e ignorar o visual porque é muito difícil, embora o trabalho não seja tão bom como deveria ser.

Entrevistadoras: Em seu texto, “Iconoclash: reflexões sobre cultura visual e pesquisas em Educação” (FISCHMAN; SALES, 2014), é apontado que incorporar as ideias do que vem chamando de virada pictórica e a cultura visual ao campo da pesquisa educacional vai além da mera utilização de fotos, desenhos ou simples ilustração com uma função passiva em relação ao texto “onipotente”. Como você analisa as diferentes formas de manifestação da “virada pictórica” no campo da pesquisa educacional?

Gustavo Fischman: A resposta é simples: a virada pictórica não chegou ao campo da pesquisa em educação. Nós acabamos de fazer um levantamento da incorporação dos fenômenos, conceitos e metodologias “visuais” nas revistas de educação comparada em inglês. Analisamos os artigos publicados entre 1995 e 2015. Bem, se a virada pictórica existisse, ela teria que se refletir nessas revistas, não? O meu desejo era encontrar a virada pictórica nessas revistas. Para mim, ela deveria estar ali, mas não a encontramos. Atualmente, tem um pouco mais. Alguns pesquisadores/as estão pensando, falando, mas são exemplos isolados. Inclusive, há alguns trabalhos excepcionais. Eu acho que o Brasil tem uma boa produção, tem bons exemplos, mas ainda falta muito para uma utilização mais generalizada.

Entrevistadoras: Ainda nesse texto, você afirma que há certa desconfiança em relação à incorporação da cultura visual no campo da investigação educativa. Por que você acha que tem essa certa desconfiança?

Gustavo Fischman: Em boa parte, a desconfiança sobre a utilidade ou pertinência da virada pictórica se relaciona com uma série de argumentos que eu chamo de “realistas”. Um dos argumentos tem a ver com a tendência majoritária da pesquisa no campo educativo que costuma trabalhar com “dados” de fácil conversão a textos ou cifras. Temos muita experiência e muitos modelos de trabalho que facilitam a tarefa de analisar dados apresentados como palavras e números, como se fossem “naturalmente” mais “reais”, mais objetivos, mais apropriados para fazer pesquisa em educação. E, na verdade, estamos constantemente trabalhando com conteúdos visuais, que traduzimos para números e palavras. Então, o visual é incorporado, mas uma incorporação muito mediada.

Quando alguma coisa não é feita, temos que justificar por que não a fazemos. Em minha opinião, nessa procura de justificativas, aparecem argumentações de que a dimensão visual é irrelevante ou é menos apropriada para analisar questões pedagógicas. Outro argumento “realista”

que eu ouço indica que incorporar as culturas visuais na pesquisa educacional além de ser difícil, conceitual e metodológica, requer mais recursos econômicos e os financiamentos não são suficientes. A gente faz pesquisas educativas muito economicamente e termina focando em perguntas simples, porque trabalhar sobre problemáticas difíceis requer modelos de abordagens muito mais complexos, que demandam recursos humanos e tecnológicos mais caros.

Coletar e analisar imagens exige muito trabalho e a conversão dos “dados” pictóricos em textos ou cifras demanda habilidades e metodologias específicas, além de muito cuidado sobre como manter a privacidade das pessoas envolvidas. Essa questão é muito complexa, mas possível. É feita cotidianamente nos programas de notícias da TV. Então, parte da desconfiança vem da complexidade das tarefas envolvidas e dos custos.

Outro argumento “realista” relaciona-se com a quantidade de vezes que revistas científicas publicam artigos que têm imagens ou que trabalham de forma substantiva sobre questões relacionadas com as culturas visuais e a educação. Se você quer publicar nas revistas *top*, a primeira coisa que vão perguntar é: "Você tem autorização para usar essas imagens?". Você responde que sim. "Ah, muito bem. Quem vai pagar pelo custo da reprodução de imagens?". Imagine que você *tem* autorização, *tem* como pagar, depois você tem que convencer o Conselho Editorial e os avaliadores externos de que essa é a melhor metodologia de pesquisa, os dados são relevantes e as conclusões pertinentes. Fazer tudo isso é muito difícil!

Os argumentos “realistas” apontam desafios que deveriam ser assumidos. Esses argumentos revelam limitações da nossa imaginação sobre o potencial da pesquisa pedagógica que, algumas vezes, parecem revelar uma espécie de “preguiça intelectual inconsciente”, que não consegue confrontar a questão da complexidade das culturas visuais na educação contemporânea. Se fosse mais simples, se tivéssemos mais exemplos, seria mais fácil entrar no imaginário da pesquisa e mais pesquisadores fariam. Mas é muito difícil, então, não fazemos.

Entrevistadoras: Você afirmou que no Brasil há uma boa produção de pesquisas que faz usos de imagens. Você poderia comentar sobre esses trabalhos/grupos?

Gustavo Fischman: O trabalho do ProPed (Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro). O grupo sobre mídia e imagem é muito bom. E, claramente, o grupo é muito bem consolidado. Primeiro, como grupo de pesquisa – a professora Nilda Alves, a professora Inês Barbosa de Oliveira, que já tem vinte anos de consolidação. Não é pouca coisa. Isso é um trabalho sistemático. A professora Maria Ciavatta, da Universidade Federal Fluminense. Tem também o trabalho da professora Rosa Maria Bueno Fischer, da Universidade Federal do Rio

Grande do Sul. Suzana Feldens Schwertner, da Univates, Rio Grande do Sul, fez uma tese de doutorado absolutamente espetacular, trabalhando sobre imagens da amizade com estudantes da escola do ensino médio. E há também os trabalhos da professora Rosália Duarte, da PUC-RJ, e Adriana Fresquet, da UFRJ. Há também uma tradição muito forte nos movimentos de educação popular, nos modelos pedagógicos do Movimento dos Sem-Terra, que trabalham muito a questão visual. Embora não estejamos falando da pesquisa típica das faculdades de educação, o MST faz pesquisas de intervenção participativa que eu acho que têm muito potencial. Isso tudo no Brasil! Se vocês me perguntarem sobre os Estados Unidos, eu conheço umas quatro pessoas que fazem isso. No Brasil, eu acho que tem muito mais ainda, em parte porque a imaginação pedagógica brasileira é muito forte! É muito forte! O que não é tão forte é a sistematização. Acho que tem pouca discussão metodológica sobre *como fazer* e muitas declarações sobre *não fazer* positivismo. Eu ouço muito afirmações do tipo “Vou fazer metodologias qualitativas porque não são positivistas”. E tem muita metodologia qualitativa que são tão positivistas... E tem metodologias quantitativas que não são feitas em uma perspectiva positivista. Eu acho que essa é uma discussão ultrapassada.

Entrevistadoras: A discussão sobre pesquisas quantitativas e qualitativas muitas vezes produziu uma dicotomia...

Gustavo Fischman: A gente não tem que fazer um fetiche de qualquer instrumento ou aproximação metodológica de pesquisa. A abordagem tem que ser apropriada à pergunta de sua pesquisa. Se a pergunta da pesquisa envolve a dimensão visual, você tem que incorporar a dimensão visual. Se a pergunta procura saber algo sobre a quantidade ou a qualidade do fenômeno, então, você escolhe a abordagem metodológica apropriada. Mas eu acho que a gente, ao não discutir a dimensão visual, restringe muito o tipo de perguntas que estamos fazendo. E esse, para mim, é o problema mais sério. A gente está fazendo pesquisa para quê? Quem vai usar essa pesquisa? Esse uso, essa pergunta, tem alguma dimensão visual?

Entrevistadoras: O campo dos estudos com os cotidianos, do qual fazemos parte, evidencia a potência micropolítica engendrada nos encontros, nos afetos, afecções, nos movimentos de corpos que causam ressonância na invenção e composição de um corpo sensível ao entrar em relação com o outro – que pode ser uma imagem. Ainda no texto que mencionamos, você nos atenta para a importância de não perder o que as imagens têm de poderoso: “[...] sua capacidade de produzir sentidos e não simplesmente de transmiti-los” (FISCHMAN; SALES, 2014, p. 247). Como provocar o dinamismo da interação entre corpos/imagens no sentido de produzir circularidade de sentidos?

Gustavo Fischman: Em 1995, quando eu estava fazendo a pesquisa para minha tese de doutorado, eu procurava entender em que medida as dinâmicas de gênero influenciavam as políticas e as práticas na formação docente na Argentina. Eu estava com um modelo “clássico” de pesquisa: questionários, observações de salas de aula, entrevistas com atores relevantes, grupos focais, coleta de documentos etc.. Quando eu estava fazendo as primeiras entrevistas, eu me dei conta de que, na Argentina e, especificamente em Buenos Aires, as pessoas que entrevistava estavam tão acostumadas a serem sujeitos da pesquisa que elas respondiam às perguntas de maneira rápida, de um jeito que mostrava pouco interesse, do tipo: “Que cara mais chato! Mais um pesquisador que vem, pergunta, vai embora e as coisas aqui vão continuar do mesmo jeito”. Eu me dava conta da situação, mas não tinha uma alternativa. Não adiantava muito falar que eu ia voltar para compartilhar os resultados ou mudar muito as perguntas, mas a situação começou a mudar por um acaso que me levou a prestar atenção às imagens.

Eu estava entrevistando uma diretora de um programa de formação docente, perguntando sobre como estava mudando a composição social e de gênero dos estudantes do magistério e, num momento, ela disse: “Não consigo te explicar bem, com palavras, essas mudanças”. Mas, eu vi que ela estava rascunhando algo num papel. Eu pedi para ver, e ela ficou muito surpresa, mas compartilhou e me explicou que ela sempre desenhava as suas respostas, que ela “pensava com desenhos”. Começamos a falar sobre as “imagens” da formação docente e esse foi o primeiro momento que eu percebi que ela estava se empolgando com a entrevista.

Depois, eu pensei: qual deveria ser a minha estratégia de análise? O desenho era um dado? Podemos usar esses desenhos na pesquisa? Eles não estão no protocolo de entrevista. Havia muitas perguntas, mas ainda não sabia como usar essas ideias. Pouco tempo depois, entrevistando outra professora, falando sobre as mesmas temáticas, eu percebi que na mesa havia umas fotos que estavam tampadas com um pano de mesa. Ela tinha tampado as fotos para eu não ver, mas eu vi. Na verdade, eu fiquei curioso e pedi para ver. No primeiro momento, ela não quis, mas, no fim, ela me mostrou as fotos do Che Guevara, do Paulo Freire e da Virgem Maria. Quase automaticamente perguntei se esses eram os que lhe ensinaram sua profissão. “E a santa, o que ela te ensinou na profissão?”. A professora começou a falar de um jeito muito mais eloquente, ela ficou mais interessada e, de alguma maneira, mais comprometida com a pesquisa.

Eu não sabia que isso se chamava fotoelucidação, ou entrevistas facilitadas com fotografias. “Isso é bem interessante! Estou descobrindo algo”. E, a partir dessas experiências, eu comecei a fazer entrevistas usando fotografias e imagens, e fui notando que as minhas entrevistas iam ficando

muito melhores. Eu recebia um tipo de informação, a partir do trabalho com imagens, que não via quando não tinha essa imagem. Esse foi a grande descoberta!

A partir disso, abriu-se um panorama e, com isso, umas metodologias de pesquisa que eu nunca havia usado e descobri que existia uma grande bibliografia, um repertório de técnicas de coleta de dados, métodos de análise, muito interessantes, e com uma discussão epistemologicamente muito rica.

No percurso da pesquisa, eu queria trabalhar com grupos de formação docente e fazer uma comparação entre escolas da Argentina e dos Estados Unidos. Os estudantes tinham que descrever, com palavras, as características das escolas como elas eram (se eram boas ou ruins), o que eles consideravam como a realidade das escolas e como elas deveriam ser. Depois, os estudantes faziam desenhos com a mesma ideia de descrever características das escolas realmente existentes e como eles gostariam que fossem. O grupo escolhia duas ou três imagens para discutir e fazer um grupo focal. As imagens escolhidas sempre tinham qualidades que não apareciam em nenhuma das listas de palavras. O que aparecia na imagem não aparecia nas palavras. De novo, eu confirmava que, ao usar as imagens, outros sentidos apareciam diferentes dos sentidos expressos nas palavras.

O mais surpreendente para mim foi que os estudantes da Argentina e dos Estados Unidos identificaram problemas similares, em particular, em relação às dinâmicas de gênero e classe; com muitas preocupações sobre como a pobreza afeta as escolas em bairros pobres; as baixas remunerações dos docentes; o autoritarismo nas escolas etc. Mas aconteceu uma coisa muito curiosa: a representação dos corpos dos sujeitos professor/professora, do sujeito estudante, era muito diferente em um país e no outro. E aí eu comecei a “pirar”, porque não tinha nenhuma explicação. As preocupações sobre a educação eram similares, as questões sobre a dinâmica de gênero também, mas a representação dos corpos dos docentes e dos corpos dos estudantes era muito diferente.

Entrevistadoras: E por quê?

Gustavo Fischman: Porque, nesse momento, o *corpo* do docente não era uma temática a discutir. Eu não havia perguntado pelo corpo docente. Eu tinha isso na minha frente e não conseguia ver. Eu queria ver as diferenças entre os estudantes, mas ver que os *corpos* eram diferentes, isso demorou um tempo, bastante tempo para que eu pudesse reconhecer isso, porque eu não comecei analisando as imagens como imagens. Eu estava procurando *dados*, estava procurando dados sobre *gênero*, estava procurando indicadores que ficassem dentro da categoria gênero. Eu precisei de mais tempo para começar a perceber o visual. O que diz o visual na pesquisa em

educação? O mais evidente, o mais impactante é que a gente ignorou por muito tempo o corpo, o nosso corpo pensante, não só a cabeça pensante. O nosso *corpo* pensante é o nosso *corpo ensinante*. Nós ensinamos com o corpo a outros corpos pensantes e aprendemos nessa interação entre outros corpos. Essa interação era como *inexistente*. Não era um objeto de estudo para a pesquisa em educação. E não pode ser, se você não incorporar a dimensão visual. Se você não vê os corpos, como vai perceber o seu objeto de pesquisa?

Entrevistadoras: Nós temos usado, em nossas pesquisas, imagens cinematográficas como disparadoras de redes de conversas com as professoras. E tem sido interessante porque é a possibilidade de se colocar, de entrar em relação com aquela imagem. Tentar analisar o que aquelas imagens nos provocam, de que modo as imagens nos afetam e possibilitam pensar diferente, ou alargar o pensamento.

Gustavo Fischman: Numa outra pesquisa, queríamos saber quais eram os filmes que mais mexiam com o imaginário pedagógico dos estudantes de formação docente. O que conseguem fazer esses filmes ao estudante que está em formação docente? Qual é a imagem que neles se refletem, que neles causa empatia? Qual é? Qual é a imagem forte? Ficam no lugar de estudante, no lugar de professor? Onde eles sofrem? Onde choram? Onde se mexem? E foi muito, muito interessante. Primeiro, porque os estudantes se mexem e choram em lugares diferentes. A identificação era muito diversa, com linhas muito claras de identificação racial, identificação de gênero, identificação de identidade sexual. Muito forte. Mas poucas vezes se identificaram com o lugar dos professores. A identificação era sempre com os alunos. Fizemos isso com três ou quatro turmas e eram estudantes de formação docente que não se identificavam com os professores. Identificavam-se com os estudantes. E depois, se perguntássemos: "Gostou de algum professor mais que outro?", eles respondiam que "sim". Mas a identificação forte, onde o corpo se mexia, a solidariedade com a imagem era com os estudantes.

Entrevistadoras: Por que você acha que esse corpo mexe mais com o estudante?

Gustavo Fischman: Bom, a nossa explicação era que nós fizemos essa reflexão com professoras que naquele momento estavam em posição de "estudantes", que estavam experimentando situações muito similares a dos estudantes dos filmes. Uma das coisas que fazemos, na psicologia cognitiva, é mostrar que seu corpo se mexe inconscientemente quando você consegue ter empatia com o que está vendo. E quem mais sofria eram os estudantes. Nós reagimos, empaticamente, quando nosso cérebro reconhece uma situação para a qual a gente pode ser transferido. E isso foi muito forte, mas o nosso ponto de partida eram os professores, porque eles estão querendo ser professores! Erramos completamente nisso! Mas gostamos muito de nosso erro.

Aprendemos muito com nosso erro, mas tivemos que mudar muito. O que te mexe como estudante? O que te mexe como futura professora?

Entrevistadoras: A gente tem trabalhado muito a imagem como narrativa, mas também observamos a dificuldade que nós temos – nós em um sentido mais geral – de ler determinadas imagens. Muitas vezes a gente prefere o texto que já está escrito e não o ato de entrar em relação com determinada imagem e colocar o pensamento em movimento.

Gustavo Fischman: Quando você está trabalhando com estudantes de pós-graduação, eles também não entendem essa imagem do que é ser pesquisador, essa imagem de que você tem que ser intelectual e pesquisador. Há pouco tempo, publicaram um análise das imagens que o Google indexa como “professor” e os resultados são, em sua grande maioria, de imagens mostrando homens brancos com óculos e os cabelos bagunçados. São milhões de imagens, elas formam parte do imaginário visual de nossas sociedades. Se você é uma menina negra que tem curiosidade sobre que é o mundo da pesquisa, a identificação com essas imagens vai ser mais difícil.

Entrevistadoras: E como a gente poderia, até diante desta questão das imagens dos docentes, como é que a gente, trabalhando com a formação de professoras, poderia investir na profissão docente na atualidade? Como é que seria nossa aposta?

Gustavo Fischman: Existe muito conhecimento acumulado baseado em pesquisas de alta qualidade, com resultados firmes sobre modelos que não funcionam e sobre boas práticas pedagógicas que podem contribuir para a construção de escolas mais justas, mais criativas e mais eficazes, e por que não mais felizes? Não vai acontecer uma mudança de estruturas escolares de um dia para outro sem que possamos gerar outra imaginação pedagógica e, nesse processo, as imagens sobre a educação são muito importantes. Eu não estou propondo construir outro tipo de escola e outra sociedade só com a nossa imaginação. Mas, sem essa tarefa de olhar o que hoje existe, sem ver e ouvir esses corpos que ensinam e aprendem, não dá para começar a planejar quais são os passos intermediários para construir as alternativas. Um exemplo simples para considerar: se você quer pesquisar quais são as imagens sobre a docência, as imagens sobre professoras e professores na Internet, em filmes, revistas, livros, jornais, o resultado é muito consistente. A figura do docente solitário que concorda com a prática pedagógica mais generalizada que temos nas escolas do mundo inteiro é um professor, ou uma professora, com média de 35, 40 alunos. Essas imagens se consolidam e são consolidadas numa imaginação pedagógica sobre o que é “normal” e “bom” nas escolas.

A questão para mim é que tem muita pesquisa mostrando as vantagens do trabalho colaborativo com grupos pequenos; as vantagens de trabalhar com grupos de estudantes bem heterogêneos, de classe, raça, habilidades, etc.; as vantagens de basear a construção de conhecimentos sobre problemas complexos e reais. Mas, onde você vê imagens que representem essas possibilidades? Onde você pode confrontar a sua imaginação sobre outras possibilidades pedagógicas, se nem as faculdades de educação tem um modelo de ensino que quebre a regra de 40 a 1?

Em muitas discussões sobre educação, tenho a impressão de que o máximo que a nossa imaginação pedagógica alcança é para afirmar: "Vamos fazer dos professores melhores profissionais" ou "Vamos fazer das professoras melhores profissionais". Mas qual é a imagem do profissional que você tem? Muito provavelmente é a imagem de um homem branco, uma imagem típica de professor dos filmes de Hollywood, de um professor para 40 estudantes. É preciso começar a estruturar as escolas para que trabalhem de outro jeito, e isso requer não só dinheiro, também requer outro olhar, outra imaginação.

RESUMO

Gustavo E. Fischman é professor titular no *Mary Lou Fulton Teacher's College*, da *Arizona State University*, nos EUA; pesquisador do *Public Knowledge Project* e coordenador da área Comunidades de Pesquisa, Conhecimento Público e Democracia da FLACSO, Rio de Janeiro, Brasil. Suas áreas de especialização são Educação Comparada e Políticas Científicas e Educacionais. Gustavo E. Fischman nasceu em Buenos Aires, Argentina, onde obteve sua licenciatura em Educação na *Universidad de Buenos Aires*. Completou seu doutorado em Ciências Sociais e Educação Comparada na *University of California*, Los Angeles. Pesquisador nas áreas de políticas educativas, ensino superior e formação docente, tem muita experiência na utilização de metodologias "visuais" na pesquisa educativa. É autor de mais de 100 publicações científicas. Em 2013, foi eleito *fellow* da *International Academy of Education* (Academia Internacional de Educação) e, em 2015, da *American Educational Research Association* (Associação Norte-Americana de Pesquisadores em Educação). Além, de colaborar em vários comitês editoriais, é editor-chefe de *Education Policy Analysis Archives* (Arquivos Analíticos de Políticas Educativas) e coeditor de *Education Review* (Resenhas Educativas).

Palavras-chave: Ética. Pesquisas com imagens. Educação

Submetido em: julho de 2015
Aprovado em: setembro de 2015